BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

COMMERCIO DE LIVROS

DISSERTAÇÃO BIBLIOLOGICA

POR

MANUEL FIGUEIREDO DOS SANTOS GIL
Alumno da cadeira de bibliologia da Bibliotheca Nacional de Lisboa

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1909

BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

COMMERCIO DE LIVROS

DISSERTAÇÃO BIBLIOLOGICA

POR

MANUEL FIGUEIREDO DOS SANTOS GIL
Alumno da cadeira de bibliologia da Bibliotheca Nacional de Lisboa

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1909

COMMERCIO DE LIVROS

(Dissertação bibliologica)

«Timeo hominem unius libri».
S. Thomas d'Aquino.

«Non multa, sed multum».
Plinio.

«Habent sua fata libelli».
T. Mauro.

Razão de ordem

Nenhum problema deve ser tratado sem uma base de philosophia geral. As vistas unilateraes são sempre acanhadas e quasi sempre fallazes.

Em obediencia a estes principios não entro *ex abrupto* no assumpto da these que me proponho desenvolver. Entendo que não será despropositado dizer previamente algumas palavras sobre as fontes que consultei, a orientação que imprimi á presente monographia, e a maneira como a entronquei e enquadrei no plano geral dos conhecimentos correlativos ao thema do meu estudo.

É incontestavel que o ponto escripto, que me foi indicado pelo ex.mo sr. professor de Bibliologia, tem um lado scientifico e é o aspecto scientifico que eu aproveitarei, versando a materia sujeita á face da Historia Litteraria e da Economia Politica. Ora, não teria este cunho o meu estudo, se não fosse desenvolvido de modo que deixasse transparecer um signal, marca ou divisa scientifica. Por outros termos, tinha de ser elevado ao grau de conhecimento geral, para ser scientifico, porque *do particular não ha sciencia,* como já opinava Platão.

Nesta ordem de ideias julguei dever fazer umas breves reflexões sobre a genese das relações mercantis, após as quaes entrarei no amago ou ponto principal da materia, que dividirei em duas partes. Assim, pois, o meu ensaio constará de tres capitulos, além d'este preambulo:

I. — O commercio e a solidariedade internacional.
II. — O commercio de livros através a Historia.
III. — O commercio de livros e a cultura intellectual.

*

* *

Sem pretender attribuir-me meritos indevidos, poisque o leitor aquilatará do valor real principalmente pelo trabalho produzido e não pelas fadigas de preparação, devo, comtudo, prevenir desde já que a presente dissertação foi composta, como não podia deixar de ser á vista de auctoridades irrecusaveis no assumpto. Este não é materia de phantazia ou imaginação, que qualquer curioso architecte á sua banca de trabalho segregado dos respectivos documentos comprovantes.

A parte especial e fundamental do meu trabalho — commercio de livros — não se acha expendida *ex professo* em auctor nenhum; porquanto um tratadista occupa-se do commercio de livros de certa especialidade; outro só d'uma epocha, v. g. livros antigos (P. L. Jacob); este só de livros preciosos e raros ou rarissimos e até unicos (Philomneste Junior); aquelle allude incidentalmente ao preço duma ou outra especie bibliographica (A. Cim).

Impunha-se-me, conseguintemente, a tarefa de consultar muitos auctores onde, provavelmente, encontraria alguma coisa util para o meu intuito. As tentativas, muita vez, foram seguidas de insuccesso. A bibliographia era vasta e bastantes foram os escriptores que compulsei. Foi por isso que, a despeito de o thema da minha dissertação me ser proposto com bastante antecedencia, ainda assim só me desempenhei tardía e incompletamente da minha obrigação, e isto pela morosidade na acquisição de materiaes para a minha obra e pelo desejo de ser o menos incompleto possivel. Não é isto dito para servir de desculpa a

uma possivel negligencia, mas tão sómente para denotar que o assumpto me mereceu aturadas e escrupulosas pesquisas.

A escolha do plano geral e a ideia de o relacionar e referir ás vicissitudes das differentes litteraturas, aos periodos de infancia, progresso, esplendor e decadencia dos povos, pertencem-me. A *parte material*, essa foi haurida em bibliographos e bibliologos de indiscutivel competencia, alguns dos quaes já foram e outros serão opportunamente citados.

Dadas estas explicações preliminares, entremos no assumpto.

CAPITULO I

O commercio e a solidariedade internacional

Natural parece que, tratando-se do commercio de livros, se consagrem algumas palavras ao commercio em geral. Como nem todas as regiões produzem tudo o que baste para a satisfação das necessidades materiaes, torna-se indispensavel a transacção não sómente entre povos duma mesma nação mas ainda das nações entre si. É a sociabilidade internacional a impôr-se, como a sociabilidade entre os individuos se impõe com um cunho de necessidade inherente á mesma natureza do homem. Incidentemente direi que me repugna admittir a theoria do *contracto social* de J. J. Rousseau, exposta com tanto calor mas não egual solidez no *Contrat Social* e no *Émile*. Era impossivel, pela propria natureza do homem, pela constancia com que elle sempre e ubiquamente se guindou do isolamento á reunião, da vida errante ao conjugio, á familia, á tribu, á casta, á cidade, á nação, ao estado social, em summa; era impossivel, digo, que um phenomeno ethnico-social desta ordem estivesse á mercê dum mero pacto. Conhece-se lá coisa mais dessemelhante que os pactos entre povos afastados e de diverso grao de cultura e, por outro lado, é possivel desejar maior uniformidade que aquella com que todos os povos caminham para a vida em associação?

A vida nomada e selvagem é o ponto de partida e nunca o termo de chegada das sociedades conhecidas. Assentemos, pois, que o homem é um ser por natureza sociavel e não por mera convenção.

Ainda mesmo entre os individuos nomadas, caracterizados pela ausencia de litteratura, legislação, moeda, etc. é impossivel deixar de surprehender ligações, affeições, o embryão, digamos, de relações contractuaes e mercantis.

Deve, não obstante, reconhecer-se e confessar-se que a perfeita solidariedade e sociabilidade entre os individuos e os estados deve ser resultado d'uma mais perfeita civilização e organização social. Hoje em dia aquellas duas coisas pouco passam de poeticas (mas não platonicas) aspirações. Na alta Antiguidade é geralmente sabido como os povos se odiavam reciprocamente. Um intenso patriotismo era incomprehensivel sem uma entranhada aversão a todos os outros povos. Até as allianças que se faziam eram *ad odium* contra terceiro.

A Antiguidade, tanto oriental como a classica, offerece curiosos e significativos exemplos do que acabei de dizer.

Aqui é a Persia, personificada em Cyro, Cambyses e Dario, subjugando a Media, Babylonia e Egypto. Além é o povo hellenico dominando soberano, legando ás gerações vindouras a civilização mais completa e originalmente elaborada e appellidando de *barbaros*, no auge do seu desdem e fastigio, todos os demais povos.

Agora é a Macedonia symbolizada em Alexandre Magno, escravizando o decadente imperio grego e as potestades asiaticas desde o Granico até as margens do Hydaspes. Logo é Roma submettendo ao seu poderío todo o mundo conhecido e olhando altivamrnte todos os povos como *barbaros*.

Umas vezes são os Hyksos, especie de Barbaros do v seculo que, transpondo o isthmo de Suez se projectam sobre o *medio imperio* dos Pharaós e impõem á nação do Nilo tres dynastias. Outras vezes são os Barbaros do Norte que, descendo das florestas da Germania e d'outras partes, esphacelam o decrepito e corrupto Imperio Romano.

Estas ferocidades, sopitadas hoje um pouco mais, reapparecem, todavia, de quando em vez, violando a fé dos tratados e sobrepondo se a todos os instinctos humanitarios e de fraternização mundial.

Ao revez do que pensavam os antigos, hoje crê-se que o progresso depende do alargamento das relações internacionaes, da realização de tratados commerciaes, numa palavra, da maior approximação e do mais intimo convivio dos povos. Tira-se, pois, uma salutar lição da historia antiga, e é que o instincto da sociabilidade dos povos era contrariado pela mal comprehendida noção

da ideia *patria*. Cada nação via noutra nação um inimigo, cada cidadão via num estrangeiro um adversario. Ao isolamento dos povos e dos individuos, originando um tão feroz egoismo, foi successivamente pondo termo a necessidade de entabolar negociações commerciaes ou mercantis.

O commercio é, de feito, um importantissimo factor e vehiculo do progresso. É assim que na Biblia se diz que um patriarcha, levado da necessidade de procurar pastagens para os seus rebanhos, transaccionou para obter as terras de Gessen. Da narrativa biblica é egualmente conhecido o caso de todos os povos fazerem pazes com o Egypto para com elle mercadejarem durante os sete annos das *vaccas magras*.

Qualquer que seja o valor que os partidarios das diversas escolas e systemas hajam de ligar ao texto biblico, é innegavel que a ideia de fraternização entre povos, imposta pelo imperio das circumstancias economicas, resalta com toda a clareza das duas passagens allegadas.

Karl Marx e Jaurés concluiram mesmo que todo o acontecimento historico é effeito de um factor economico. E, pelo menos na grande maioria dos casos, assim tem sido.

Estabelecido, pois, historicamente que o mobil que arrancou os povos do estacionamento, da apathia e do isolamento foi o commercio, passemos seguidamente a investigar o que foi nas differentes epochas e povos o ramo especial do commercio livreiro.

CAPITULO II

O commercio de livros através a História

Vou entrar na parte mais importante do meu trabalho. Como na historia geral do commercio se pode fazer uma divisão parallela á divisão da historia universal, considerarei o commercio de livros dividido em antigo, medievico, moderno e actual ou contemporaneo.

ARTIGO 1.º

Commercio livreiro antigo

Egypto. — É o Egypto uma das mais antigas civilizações. A sua historia, porém, ainda fluctua entre numerosissimas incertezas. Dos monumentos litterarios do Egypto antigo quasi só nos são conhecidos os epigraphicos; os outros, se existiram, desappareceram. Os egypcios como todos os povos antigos confiaram ao marmore, á lapidaria em geral, os seus successos. É de crer, até, que as primeiras leis, as composições poeticas mais antigas do Egypto, á semelhança do que succedeu com outros povos, fossem apenas conservadas de memoria e transmittidas de geração em geração pela tradição oral. O facto de em todos os povos a poesia preceder a prosa convence-nos de que os legisladores e poetas primitivos escolhiam sentenças cadenciadas e rythmicas para melhormente serem retidas. No periodo mais antigo da historia egypcia é de crer que o livro manual não existisse. Descobriu-se posteriormente uma excellente materia de escripta — o papyro.

Os egypcios tiveram um alphabeto seu, que os phenicios depois appropriaram e divulgaram. Attribuindo-se ao Egypto uma tão intensa cultura intellectual, é de presumir que a sciencia se divulgasse muito e abundassem os monumentos escriptos. Determinar, porém, a escala do commercio de manuscriptos não é licito ao historiador fazê-lo com provas seguras. Cae-se no abysmo das hypotheses e conjecturas. Deixemos esse campo.

O mais antigo livro do mundo, que hoje existe, parece ser o papyro dado por Prisse d'Avennes (1807-1879) á Bibliotheca Nacional de Paris. Remonta á 3.ª e 5.ª dynastia (1). Luiz Ménard (*Histoire des anciens peuples de l'Orient,* pag. 41) dá a summula d'este manuscripto nas seguintes palavras: «Contém fragmentos de dois tratados de moral que se referem um á 3.ª e outro á 5.ª dynastia. O ultimo fragmento, subordinado á epigraphe «Instrucções de Phtahotep, encerra uma serie de conselhos praticos para cada um se encaminhar no mundo e se

---

(1) Albert Cim, *Le Livre,* 1905-1908.

dirigir nas diversas circunstancias da vida. É d'uma insipidez e mediocridade de tal modo banaes, que faz recordar os moralistas chinezes.

Coisa louvavel é ganharem os cultores da sciencia amor e, até, paixão pelos ramos do saber a que consagram os seus labores e vigilias.

Assim, é sublime a morte de Archimedes, surprehendido pelas tropas romanas numa absorpção espiritual dos seus extases scientificos, quando nas praias do Syracusa resolvia serios theoremas de mathematica. É admirabilissima a resposta do hellenista G. Budé, quando um criado lhe veiu dizer que sua casa estava em chammas: *Está bem; vae prevenir minha mulher. Bem sabes que eu não trato dos negocios da casa.* O sabio estava sepultado entre livros e para elle valiam mais alguns momentos que toda a sua fortuna material

É honrosa e gloriosa como a do soldado no campo de batalha, a morte de Petrarcha no seu gabinete, a fronte cahida sobre um Vergilio aberto. Subira ao Capitolio para receber uma corôa de louro, que o Senado Romano lhe decretára. Assetteado pela inveja de seus detractores e pelos odios de inimigos chamava á corôa de louro corôa de espinhos. Nos ultimos annos era um valetudinario; corroido pelas enfermidades, passava grande parte do tempo na cama, compulsando os livros, que dormiam com elle. Sempre consagrou ao estudo 16 horas diarias! Foram martyriosas as mortes do abbade Goujet, de Patru e de Scaliger por se terem desfeito dos livros.

Scaliger escreveu, após a venda da sua bibliotheca: *Amigos, quereis conhecer uma das maiores desgraças da vida? Então, bem: vendei os livros!*

Foi tragica a morte de Rebello da Silva, succedida algumas horas depois de amparado ao braço d'um amigo, ter ido ao meio da bibliotheca dizer adeus aos seus livros, exclamando depois de os relancear: *Ai livros, livros! Ai livros, livros!* Tinha-lhes tanto amor como aos entes mais queridos; não podia morrer sem tambem se despedir d'elles. Imponentemente majestosa foi a morte de Brunet sentado numa poltrona no meio dos seus livros.

Todos estes factos e centenas d'outros que pudera citar provam grande paixão pelos livros e pela sciencia que nelles se contém. Nada grandioso e heroico se pode fazer sem um amor apaixonado por qualquer ideal.

Mas este amor, para não cahir no ridiculo, cumpre que seja

discreto e racionado, que não cego. É preciso evitar a estulta presumpção de muitos que, tratando da excellencia das sciencias e da categoria das mesmas, classificam de mais nobres e mais excellentes aquellas que cultivam. Conta-se tambem d'um pregador que, orando sobre varios santos, dizia sempre que aquelle, cuja solemnidade se celebrava, *era o maior de todos os santos.*

Deslumbrado por estas vistas egoisticas e por um inconsiderado amor pelos livros, não duvidou o allemão Mader affirmar no seculo XVII que já antes do diluvio houvera livros. Nas suas obras *De scriptis et bibliothecis antediluvianis* e *De bibliothecis* faz remontar a existencia de livros aos tempos antediluvianos pelas tres seguíntes razões: a imposição dos nomes feita por Adão aos differentes animaes, as lendarias columnas esculpidas por Seth e o supposto livro de Enoch. «Mader era tão cegamente apaixonado pelo assumpto dos seus livros que chegou, depois de citar alguns logares dos livros Santos interpretados a seu modo, a apresentar os titulos dos livros que deviam formar uma bibliotheca antediluviana»! Eis o que dizia o livreiro-editor Anatole Claudin, segundo o testemunho de Fertiault (*Les Amoureux du livre,* pag. 359).

A questão dos nomes impostos por Adão pode ler-se no Gen. II, 19 e 20. Tenha-se embora vista aquilina ou de lynce é impossivel ler-se nos versiculos citados que Adão escrevesse qualquer coisa. Mader suppõe que Adão se servísse d'um livro de registo, para se não esquecer!

O livro do propheta Enoch é um apocrypho. Foi, certamente, escripto antes do captiveiro de Babylonia, porque está repleto de ideias chaldaicas. S. Judas cita-o no versiculo 14.º da sua epistola. Este apocrypho, julgado perdido durante muito tempo, foi encontrado no fim do seculo XVIII na Abyssinia e foi traduzido em 1821 para inglês pelo dr. Richard Lawrence (*The book of the prophet Enoch*).

São igualmente tidas como fabulosas as columnas em que os descendentes de Seth, antes do diluvio, escreveram muitos acontecimentos do povo hebreu, a fim de que a sua memoria escapasse e sobrevivesse além do grande cataclysmo imminente. Fez-se isto, segundo a tradição lendaria, no longo espaço de tempo que levou a construcção da arca de Noé.

Pondo de parte estes esforços de phantazia, passemos a esquadrinhar o que achamos de positivo a respeito da publicação de livros e da sua venda.

HEBREUS. É este um dos povos mais antigos do mundo. Le-

varam primitivamente vida nomada como todos os demais povos. Com o volver dos seculos foram-se civilizando e no tempo de Moysés foram dotados com uma sapientissima legislação. As suas relações com a Phenicia no tempo de David e Salomão foram estreitas. Com o Egypto tambem cedo estiveram em contacto os Hebreus.

A litteratura hebraica é toda religiosa, comprehendendo tambem as prescripções para a organização d'uma sociedade segundo as vistas de Deus, e contém-se na Biblia. Foi e ainda hoje é poderosa a influencia d'esta litteratura. Todas as civilizações antigas se eclipsaram e as suas litteraturas ou foram sûbstituidas ou perderam muito da primitiva importancia.

As gerações vindouras tomaram posse dos livros da litteratura hebrêa e conferem-lhe ainda hoje o mesmo valor que então tinham. Ainda hoje, os povos mais cultos fazem dos livros da Biblia a base das suas profissões de fé religiosa. É extraordinarissimo, pois, o influxo religioso e litterario d'este ramo de litteratura. Eis como C. Cantú na sua monumental *Historia Universal* remata o seu caloroso encomio ao Livro de Deus: «A Biblia é o livro de todos os seculos, de todos os povos e de todas as classes; nella existem consolações para todas as dôres e alegrias, para todos os alivios, verdades para todos os estados; alimentando as almas com a palavra da vida, ella aperfeiçoa a intelligencia e cultiva o gosto do bello: foi ella que inspirou a *Divina Comedia*, o *Paraiso Perdido*, as *Orações funebres* de Bossuet, a *Athalia* de Racine, a *Messiada* de Klopstock e os *Hymnos sagrados* de Manzoni».

Das litteraturas da Media, Persia, Assyria, Babylonia, Phenicia e, em parte, do Egypto só nos restam fragmentos escassos. Alguns livros dos hebreus desappareceram tambem; não obstante isso, a parte conservada é bastante vasta. A Biblia é hoje uma das mais importantes fontes para a historia dos povos acima mencionados.

Ha motivos sufficientes para crer que os livros entre os judeus e israelitas tiveram larga divulgação. O sabio orientalista e commentador biblico Vigoroux apresenta na sua *Bible Polyglotte* muitas inscripções hebraicas. Os livros biblicos instam incesssantemente pela leitura da «lei de Deus», o que tudo nos convence de que estavam muito espalhados aquelles livros. Nas representações theatraes de assumptos biblicos apresentam-se os judeos trazendo sempre comsigo uns rolos em que vinham as partes principaes da Biblia.

Para só citar alguns dos profanos, lembrarei que V. Hugo, E. Castellar, Camillo e João de Deus faziam aturado estudo dos livros do Antigo e Novo Testamento.

Ha vestigios de duas celebres bibliothecas no Egypto, uma fundada por Ptolomeu Lago, a qual chegou a ter 400:000 obras, e outra por Ptolomeu Philadelpho enriquecida com uns 70:000 volumes.

Babylonia. — Foi uma das nações antigas assás gloriosa, para que a sua historia se não perdesse totalmente na voragem d'aquelles tempos, hoje tão escuros para nós. Pelo que nos resta da celebre bibliotheca de Assurbanipal sabemos que a litteratura babylonia abrangia diversos generos. Esta bibliotheca era constituida por tijolos, outras tantas paginas de livros, em que se abriam os caracteres cuneiformes decifrados por orientalistas eminentes no seculo passado. Se não conheciam outra materia subjectiva da escripta, é pouco verosimil que a diffusão do livro fosse grande.

Phenicia. — Este povo, cujo nome enche toda a antíguidade pelo seu commercio, devia ser tambem um povo culto, devido á intelligencia e perspicacia da sua raça e ás continuas relações mercantis com tantos povos. Já atrás disse que não inventaram o alphabeto, mas tão sômente aperfeiçoaram e appropriaram os caracteres que receberam dos egypcios. Por aqui se vê o sentido que se deve dar á phrase: «*Os phenicios ensinaram o mundo a ler e a escrever*».

Chegaram até nós os nomes de tres historiadores, Mocho, Hypsicrates e Theodoto, cujas obras foram traduzidas e commentadas em grego. O criterio historico dos egypcios dava uma grande parte aos estudos cosmogonicos, que serviam de preambulo ás narrativas. Cultivaram com muito successo a poesia. Sanchoniaton, escriptor nacional escreveu um *Tratado da Philosophia de Hermes*, uma *Theologia Egypciaca* e os *Fastos da Phenicia*, cujos fragmentos Eusebio inseriu na *Preparação Evangelica*.

Grecia. — Nos periodos mythico e heroico ou epico da historia da litteratura hellenica os livros manuscriptos não deviam ser, certamente, muito abundantes. Parece averiguado que os aëdos e rhapsodos, os primeiros poetas da Grecia, não escreviam as suas composições. Segundo Pierron, estes poetas, tendo a

religião por musa, eram, a um tempo, musicos, sacerdotes e legisladores. D'estes tenebrosos tempos chegaram até nós os nomes de Lino, Amphion, Museu, Orpheu e das duas celebres sibyllas, a Erythrea e a Cumana. Os cantos da Grecia heroica eram levados a longinquas regiões pelos rhapsodos e andavam na bocca do povo que os decorava. No tempo de Homero ou de quem quer que é o auctor dos poemas homericos já era conhecida na Grecia a escripta e já havia monumentos escriptos segundo se deprehende da leitura das duas epopeas. Quanto a saber-se se a Iliada e a Odyssêa já corriam escriptas no cyclo homerico é coisa que não está ainda bem resolvida pela affirmativa. Sobre este ponto é interessante um livro do Sr. Eça d'Almeida, onde se colligem as opiniões pro e contra (1).

Todavia, no tempo de Pericles já havia estabelecimentos de venda de manuscriptos onde os doutos se reuniam a ouvir a leitura das obras mais importantes. Um d'estes vendedores era Hermodoro, que adjudicava magnificas copias de Platão por preços extraordinariamente baratos.

A primeira bibliotheca pública que houve foi a de Athenas, fundada pelo tyranno Pisistrato no seculo VI antes da nossa era. Por Aristophanes sabemos que os livros estavam já bem espalhados no seu tempo, pois que diz nas *Rãs*: «Cada um tem seu livro em que se instrue nas artes subtis».

Xenoophonte nas *Memorias de Socrates* fala da collecção das obras de poetas e sophistas feita por Entydemo. Na *Anabasis* do mesmo auctor se diz que os thracios tinham muitos livros.

Plutarcho nas *Vidas de Alexandre e de Alcibiades* encarece o grande apreço em que aquelles vultos tinham os livros. Pelo que diz o epico português, se deprehende que Alexandre Magno compulsava os poemas homericos com mão diurna e nocturna:

Lia Alexandre a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

Quem conhecer quão intensa e extensa era a cultura geral entre os gregos, quão differentes e variadas formas revestiam

---

(1) *As epopeas homericas* (Bibliotheca do povo e das escolas, n.º 189), Lisboa, 1891.

as composições, parece-lhe necessario admittir uma grande diffusão de manuscriptos. Era impossivel reter tanta coisa de memoria.

Roma. — Estou chegado á litteratura que para nós tem mais importancia, d'entre todas as litteraturas antigas, porque o portuguez é uma lingua romanica.

Segundo attesta Juvenal os seus livros eram livros escolares da juventude romana, que decorava as suas composições poeticas. No dizer de Tacito o povo romano estava familiarizado com as obras litterarias e nas provincias do Imperio e arraiaes militares eram ellas lidas, bem como os jornaes *(Acta diurna* e *Hebdomadae)*.

Os preços dos livros entre os romanos eram consideravelmente modicos. Os *Epigrammas* de Marcial vendíam-se por 5 denarios (500 a 600 réis), sendo encadernados com a maxima perfeição. Accrescenta o mesmo Marcial que o seu editor Tryphon ganharía ainda muito, se vendesse os seus livros por metade do preço.

Mesmo attendendo á differença do numerario, a remuneração de Marcial pelas suas obras foi superior á de Camões e outros poetas modernos (1). É sabido que Camões recebia apenas uma tença de 15$000 réis. Explica-se a barateza dos livros, attendendo a que os mesmos eram copiados pelos escravos e que estes não recebiam paga pelo seu trabalho. Para o effeito do trabalho de reproducção de livros havia os *anagnostas* (leitores) e os copistas ou *librarii*. Havia ainda mais os guardas (*custodes*). O meu esclarecido professor sr. J. A. Moniz deduz ainda a barateza dos livros do pouco tempo que era preciso para a reproducção das obras, por causa das abreviaturas de que se usava e abusava e porque, dictando um anagnosta a 100 *librarii*, «a edição de uma obra custava menos e não levava muito mais tempo a concluir do que uma edição semelhante proveniente das typographias de hoje» (2). Diz Marcial que o seu 2.º livro de Epigrammas se copiava numa hora.

Em Roma cedo se notou a paixão bibliophila e os embus-

---

(1) Sr. José A. Moniz, *Commercio de livros* (publicado no jornal — «Commercio de Portugal»).

(2) Artigo citado.

teiros encontraram vasto campo para as suas especulações. Assim, expoz-se á venda um pseudo-autographo de Sarpedon, rei da Lycinia, escripto a Priamo, rei de Troia. Apresentou-se como uma raridade de infinito valor um manuscripto da Odyssea de Homero escripto pelo proprio punho do poeta. Observa Egger que Homero não saberia, provavelmente, escrever e que os seus poemas estiveram durante annos e annos confiados á memoria dos rhapsodos (1).

Um bibliologo, cujo nome me não occorre neste momento, escreveu o seguinte acêrca da grande abundancia de livros em Roma: «A decadencia da litteratura romana data da epocha em que os livros se multiplicavam por toda a parte, e em que os copistas mal bastavam para as numerosas transcripções dos manuscriptos. Foi então que Plinio e Seneca escreveram este preceito: *Non multa, sed multùm*, quer dizer, *lêde mui poucos livros*» (2).

ARTIGO 2.º

Commercio livreiro na Edade Media

A Edade Media é uma longa crise de cerca de 10 seculos em que se elaborou a edade moderna e se lançou a base do novo edificio politico.

As sciencias, as letras e as artes tambem se resentiram d'esta influencia. A instrucção não continuou a derramar-se na mesma proporção que até ahi. Ainda havia copistas e dos mais habeis, mas o gosto litterario e o amor ao estudo é que tinham desapparecido. Numa epocha tão calamitosa e fertil em guerras, dissenções, represalias, não havia a necessaria paz e tranquillidade para cultivar as letras. Na Edade Media preoccupavam-se mais com a qualidade que com a quantidade. D'um missal que se conserva na Universidade de Turim, escripto em pergaminho, e que levou dois annos e meio a dourar e a illuminar, diz Nicolau, cardeal de S. Xisto, que foi concluido *cum summa diligentia et labore!*

---

(1) *Histoire du livre*, pag. 39.
(2) *Miscelanées Bibliographiques*, I–68.

Ao contrario do que aconteceu na Grecia e, sobretudo, em Roma, onde os livros eram relativamente abundantes, na edade media nota-se escassez e raridade de livros. As causas principaes foram a agitação da epocha, o obscurantismo, a falta de estimulo para os trabalhos mentaes e a enervação ou paralysia do gosto litterario.

Gregorio de Tours escreveu na *Historia Francorum* estas desoladoras palavras: *Vae diebus nostris, quia periit studium litterarum a nobis!* «Ai d'estes nossos desgraçados tempos, que nos faltou o estudo das letras»!

No seculo XIV fez-se a divisão do trabalho nos codices, isto é, um artista encarregou-se da illuminura, outro das letras iniciaes, outro do texto simples, etc.

O preço dos manuscriptos, que variava conforme o tamanho, a perfeição graphica, o assumpto, a antiguidade, vem ordinariamente taxado no principio ou no fim dos mesmos.

Em 1392 Alazasia de Blevis, baroneza allemã, legava a sua filha, como parte do dote, alguns livros, entre os quaes o *Corpus juris,* recommendando-lhe que casasse com um jurisconsulto, que podesse tirar o devido proveito d'aquella herança. É bem manifesta a importancia dada aos livros no fim do seculo XIV (1).

Antonio Pecatelli, de Palermo, comprou a Pogge um Tito Livio por 120 escudos de oiro; Pecatelli vendeu uma herdade para comprar o manuscripto, e Pogge comprou um importante dominio com o dinheiro da venda.

Quasi todos os copistas desta epocha pertenciam ás communidades monasticas e, neste particular, é inapreciavel o seu trabalho na conservação dos monumentos do passado, glorioso e precioso legado feito ás gerações do porvir. A influencia civilizadora das ordens religiosas na edade media pode vêr-se excellentemente tratada na obra de Montalembert—«*Les moines de l'Occident*».

«Ensinamos a ler — diz Guignes, prior da Grande Cartuxa — a todos os que recebemos entre nós, tal é o desejo que temos de conservar os *livros* como *eterno alimento da alma*».

A organização de bibliothecas era extremamente difficil nesta epocha. A entrega de livros ás corporações religiosas era feita com grande solemnidade e o *ritual* mencionava o cerimonial liturgico competente.

---

(1) Cesar Nostradamus, *Chronique de Provenee.*

O commercio de livros, comtudo, só recebeu uma organização regular da parte das universidades. Quando a venda de livros entrou de tomar maior incremento, os copistas em França e Italia constituiram-se em associações ou cooperativas.

Estava reservada para o seculo XIV uma invenção, por dois titulos, salutar: a invenção do papel de trapo. A descoberta d'esta materia de escripta sustou a barbara destruição de muitos manuscriptos e barateou os codices. Como o pergaminho era raro e muito caro, costumavam raspá-lo e escrever novamente. Assim se terão destruido obras importantissimas para, em seu logar, nos ficarem bagatelas e frivolidades. Os pergaminhos que, rasurados, serviam para nelles se escrever outra vez, chamam-se *palimpsestos*. Tem sido, felizmente, possivel ler a primitiva escripta n'alguns, por meio de certos preparados chimicos.

No commercio de livros intervinham, na epocha de que nos estamos occupando, duas entidades, o *livreiro* (librarius) e o *estacionario* (stationarius).

Estacionario era o vendedor que se estabelecia num local, onde fazia o seu negocio, distinguindo-se assim do vendedor ambulante. *Livreiro* era o individuo que depositava os livros em casa do estacionario, de quem recebia uma certa commissão ou corretagem pelas vendas effectuadas.

Um estatuto da Universidade de Paris de 1275 submetteu os estacionarios a um juramento annual. Os estacionarios, com o decorrer dos tempos, foram obrigados a depositar uma fiança ou caução bastante elevada para a epocha (70$000 réis).

Os locaes de venda de livros eram uma especie de kiosques e prateleiras apoiadas contra os templos e tribunaes, junto das pontes, praças e esquinas.

A interferencia da Universidade de Paris na venda de livros só se extinguiu de todo com a *grande revolução* (1789).

Na Allemanha o commercio de livros foi menos intenso; apenas floresceu um pouco com a fundação das universidades de Praga e Vienna no meado do seculo XIV. Em consequencia da escassez e carestia dos livros, tornaram-se frequentes as copias e os emprestimos. Aos estudiosos das classes pobres os livros eram quasi inaccessiveis. Houve até benemeritos que cediam seus livros ás universidades, com a condição de que os reitores facultariam a leitura d'elles aos menos abastados.

A universidade de Bolonha tinha estacionarios privativos, isto é, fornecedores que não podiam vender livros a nenhuma outra universidade.

Em Paris, Padua e Bolonha era prohibido aos Judeos negociar em livros. Se possuissem alguns, não os podiam vender directamente; podiam, comtudo, vendê-los mediante um estacionario ou bedel das mencionadas universidades.

Commetteria uma grave injustiça, se fechasse este artigo sem dizer algumas palavras sobre um povo, cuja expansão politica e litteraria se começa a evidenciar no seculo VII e ao qual a civilização, sobretudo, a iberica, muito deve. Refiro-me aos arabes. O que delles disser é extractado de C. Cantu.

A dynastia dos *Ommiadas*, por intolerante, não deixou progredir as sciencias. As *Abbassidas* declararam se abertamente protectores dos sabios. «Os seus medicos, syrios e christãos, foram encarregados de traduzir toda a sorte de livros». Almanzor empregou neste trabalho o medico Jorge Baktishua; Harum instituiu um collegio de traductores; mais ousado ainda, Al-Mamun animou a astronomia, e fez redigir taboas. Quando ditou a paz a Miguel II, exigiu um exemplar de todos os livros gregos. Grandes bibliothecas foram, assim, formadas na capital, em Fez e em Larache. Alexandria, Cairo, Bagdad, Granada, Valencia, Sevilha e Murcia tiveram escolas celebres. «Os collegios, desconhecidos aos gregos e romanos, mas de instituição muito antiga entre os chinezes, multiplicaram-se entre os arabes. Kufa e Bassora tiveram academias litterarias onde as pessoas instruidas se reuniam para ler os seus escriptos; formou-se uma em Cordova para explicação do Alcorão, uma de historia em Jativa; houve tambem museus de antiguidades e bellas-artes».

Avicenna e Averroes, commentadores de Aristoteles, foram medicos eximios. Al-Farabi e Al-Gazel foram philosophos eminentes.

Alhacen foi mathematico distincto; Albathany corrigiu Ptolomeu. Aos Arabes se deve a invenção dos observatorios, sendo celebres os de Bagdad e Cordova.

Pelo que se acaba de dizer, se conclue que era enorme o commercio de livros entre os Arabes.

Ponho por aqui ponto no que tinha a dizer sobre o commercio de livros na edade media.

ARTIGO 3.º

Commercio de livros na edade moderna e contemporanea

A invenção da imprensa, as descobertas effectuadas por portuguezes e hespanhoes e a reforma religiosa são, sem contradicção, os tres grandes factos que marcam o inicio dos tempos modernos.

No começo do seculo XVI em Roma, diz Consiglieri Pedroso, «pensava-se mais em litteratura do que em religião, e produzia maior sensação a descoberta de um manuscripto de Vergilio ou de Homero do que o protesto de algum heresiarcha contra o dogma estabelecido» (*Comp. de Hist. Univ.*, Porto, 1881, pag. 218).

Descoberta a imprensa ou os caractéres moveis em 1450 ou 1452, o commercio livreiro toma novo aspecto. Graças á portentosa invenção de Gutenberg, os exemplares de qualquer obra podiam multiplicar-se pasmosamente e em pouco tempo, baixando, pois, consideravelmente o seu preço. O sublime invento, a principio conservado em segredo, divulgou-se a toda a Europa bem rapidamente. As profissões de typographo e livreiro estiveram primeiramente reunidas no mesmo individuo, tanto na Allemanha como na Italia, que foi onde a typographia mais floresceu depois da Allemanha. Aldo Manucio, de Veneza, apparece-nos em 1508 associado com André Torregiano di Asola e mantendo um mui prospero negocio. As edições de Aldo Manucio eram mui esmeradas e este intelligente artista inventou uns caractéres que, do seu nome, se ficaram chamando *aldinos*. Os typographos que trabalhavam sob as ordens de Aldo Manucio eram obrigados a excessivo trabalho e algumas vezes abandonaram o serviço.

Cedo se separaram as duas profissões de typographo e de livreiro, tanto na Italia como na Allemanha. Lucas Antonio Giunta mandava imprimir em officinas alheias as obras de que era editor.

Fust e Schoeffer, collaboradores do *primeiro impressor,* vinham a Paris vender as suas edições, chegando o negocio a ser tão forte que na capital da França estabeleceram commissarios permanentes.

A feira de livros em Francfort imprimiu um grande desen-

volvimento ao commercio livreiro. No fim do seculo XVI Leipzig tornava-se um centro commercial de livros de primeira ordem e desde então até á actualidade não tem perdido o seu primado nesta especialidade de commercio.

Em 1765 instituiu-se em Leipzig a primeira sociedade de livreiros, que celebra annualmente uma assembleia geral. Tendo-se paralysado um pouco devido á Revolução Franceza e ás guerras napoleonicas, em 1815 o commercio livreiro readquire na Allemanha o seu primitivo esplendor.

A França não tem cedido á Allemanha na actividade typographica. Lyon foi o primeiro centro typographico importante da França; mas no seculo XVIII Paris tomou-lhe a deanteira.

A invenção do glorioso Gutenberg divulgou-se tambem sem muita demora á Belgica, Suissa, Inglaterra, Hespanha e Portugal e em todos estes paizes a sua introducção produziu os mesmos effeitos que nas nações já mencionadas, relativamente ao commercio de livros. Em Portugal parece ter-se imprimído a primeira obra em 1480 ou 1481. Entre nós os preços dos livros costumavam ser taxados pelas entidades incumbidas do exame dos mesmos e, por isso, é facil saber o preço por que se vendiam no mercado. Por fins do seculo XVIII o pastor protestante sueco Ruders visitou Lisboa e conta coisas curiosas a respeito da venda de livros. Assim, fala de vendedores ambulantes que estacionavam pelo Terreiro do Paço e Rua Augusta e conta as difficuldades que havia em importar livros do estrangeiro, sobretudo, da França. Os subditos franceses podiam comprá-los e mandá-los vir livremente, o que não acontecia aos cidadãos portugueses.

Estes, se queriam lê-los, viam-se na necessidade de os pedir emprestados ou, então, tinham de os encommendar por intermedio dum estrangeiro. Não admira; estava-se nos despoticos tempos do famoso intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique.

O sr. dr. Theophilo Braga alguma coisa diz com respeito a preços d'algumas obras no seculo XV.

«Os reis no seculo XV fundaram opulentas bibliothecas, onde foram reunidos os mais opulentos livros manuscriptos do saber medieval e da antiguidade classica, de um valor incalculavel pelo esmero artistico das copias, das illuminuras, das encadernações, e pela sua extrema raridade. Possuir uma livraria era ostentação de uma riqueza que era titulo de soberania e apanagio de um grande principe; são conhecidas as bibliothecas

de Isabel a Catholica, do rei D. Duarte, de Filippe Sforza, do Principe de Viana, do Condestavel de Portugal, de Carlos VI e do duque de Anjou».

«Paris era então (seculo XV) o grande mercado de livros; os preços por que se vendiam eram fabulosos e só accessiveis ás bolsas de principes, que se não pejavam de pedirem livros emprestados e de deixarem como garantia delles valiosos penhores. A riqueza da illuminura influia no seu alto valor. Havia em Portugal uma verdadeira escola de illuministas.

Preço de alguns livros no seculo XV (1):

Lancelot du Lac..........	125 libras (2)
Lancelot du Lac (em 1404)..	300 escudos de oiro
Tito Livio...............	150 libras tornezas
Tito Livio (illuminado).....	500 libras tornezas
1 Codigo................	50 morabitinos
1 exemplar das decretaes...	50 morabitinos.

Não só as mil variantes que se podem dar na contextura interna do livro, mas ainda circumstancias puramente extrinsecas, como a encadernação, contribuem para elevar extraordinariamente o preço de uma mesma edição. O facto de o encadernador ser contemporaneo do auctor ou de ser de um seculo remoto, tudo isto é levado em linha de conta pelos bibliophilos.

Philomneste Junior cita numerosissimos casos de livros vendidos por preços superiores a mil francos. Tomei nota de muitos, mas só citarei alguns poucos (3).

Bossuet, *Discours sur l'histoire universelle,* Paris, 1681 — 1:300 francos.

Bossuet, *Histoire des variations des églises protestantes,* 1688, 3.º vol. in-4.º Exemplar do uso de Bossuet com as suas armas de bispo de Meaux e notas do seu proprio punho — 5:000 francos.

Dialogues des créatures, Growe, 1482, in-fol. pequeno — 6:000 francos (1:200$000 réis).

---

(1) *Historia da Universidade de Coimbra,* t. I, 192, 196.

(2) O auctor citado traz no texto *livres,* para indicar que se trata de *libras francesas,* cujo valor era, pouco mais ou menos, a do franco, que as substituiu.

(3) *Livres payés en vente publique 1,000 francs et au dessus.* Ordem alphabetica de auctores e de anonymos.

Estrif (Le) de fortune par Martin Franc.

S. l. n. d., in-fol. Edição rarissima, caractéres de Colard Mansion, encadernação de Duru. Só se conhecem dois exemplares — 7:000 francos (1:400$000 réis).

Oraisons funèbres, Paris, 1863, exemplar do celebre advogado Berryer — 5:105 francos.

Cleriadus (romance de cavallaria), Paris, 1495, in-fol. exemplar unico — 10:000 francos. Adquirido por A. F. Didot.

Abecedarium vel Horarium, opusculo de 8 paginas de formato pequenissimo, considerado na Hollanda como o primeiro livro impresso em caracteres moveis — 2:100 francos.

No seculo X um manuscripto unico das homilias de Aimon d'Halberstadt foi trocado pela condessa d'Anjou por 200 ovelhas, 3 moios de grão e uma porção de pelles de marta.

São estas as especies e as quantidades da troca, que *Cim* menciona. Cesar Cantú diz que Ignez, mulher de Godofredo, conde de Anjou, comprou no seculo XI ao bispo Martinho uma collecção de homilias, pela qual deu primeiro 100 carneiros, depois 1 moio de trigo, 1 de cevada e meio almude de mel; depois ainda mais 100 carneiroa, algumas pelles de Marta e, por ultimo, 2 libras de prata.

Diz Feller que foi com muito custo que o livreiro Tompson deu a Millon pelo *Paraiso Perdido* 30 pistolas (cerca de 60$000 réis) e que esta obra rendeu aos herdeiros do editor 100:000 escudos (60:000$000 réis !) O *Homero Inglez,* que, no dizer do seu diserto biographo, ao principio não teve leitores nem admiradores, depois do commentario do eruditissimo Addisson tornou-se um poeta universal das edades modernas.

Lembra-me de ter lido uma vez no jornal *Correio Nacional,* que se publicou em Lisboa, uma lista de auctores, cujas obras lhes renderam insignificantes quantias. Deve notar-se que quasi todas essas obras adquiriram reputação mundial. Todavia, o editor duma d'ellas apenas deu ao auctor dinheiro para comprar um fato.

O commercio de livros está, como todos os ramos do commercio em geral, sujeito a muitas contingencias e vicissitudes. Assim, por occasião do 3.º centenario de Camões (1880), as obras do nosso epico tiveram uma procura extraordinaria. Os camoneanos adquiriam todas as edições, uma vez que fizessem differença pelo formato, cor do papel, etc.

Quando, ha poucas semanas, foi nosso hospede o sr. Blasco Ibañez, festejado escriptor do reino visinho, a sua estada em Lisboa produziu uma sensivel venda nas suas obras.

Ha em Paris, na Bibliotheca de Santa Genoveva, um livrinho, que hoje tem um valor immenso, porque esteve nas mãos de um condemnado á fogueira e apresenta algumas *chamuscadellas*.

O preço dos livros antigos elevou-se bastante nos ultimos annos, porque augmentou o numero de livreiros d'este genero de negocio e o numero de amadores e colleccionadores.

Em Portugal os livros de alfarrabistas tem augmentado de preço, depois que o Brasil encommenda grande quantidade destes livros.

A bibliotheca de Jacques-Charles Brunet, sabio auctor do *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, foi vendida pelo quintuplo ou sextuplo do seu justo valor (1).

Dão-se occorrencias curiosissimas com os chamados *livros de occasião*. Contou-me um alfarrabista da Feira da Ladra que uma vez vendeu por 3$000 réis um livro que elle teria dado por 40 réis. Era uma terça feira de inverno, dia em que pouco negocio esperava fazer. Quando abria os caixotes, para expor os livros, approximou-se um individuo que logo pegou num livro, cujo preço perguntou. Como se tratava d'um livro insignificante e era a primeira procura que tinha naquelle dia, o alfarrabista pediu-lhe, por troça e para ridicularizar o caso, 3$000 réis. Qual não foi o espanto do livreiro, quando o comprador puxou da quantia pedida e lh'a passou á mão, declarando que mais lhe daria ainda, se mais lhe tivesse pedido, e ainda pagou uma *pinga* ao bom do livreiro, qne eu muito bem conheço. Explicou depois o comprador que tinha em grande conta aquelle livro por ser igual a um outro, legado por uma pessoa querida, e que elle tinha perdido.

No principio d'este anno de 1909 deu-se em Lisboa uma *multipla* venda de livros em condições bem extravagantes. Um antigo director do Archivo Nacional vendeu uma vasta bibliotheca de bons centos de volumes a um empregado subalterno da mesma repartição por 8$000 réis; este vendeu-a a um alfarrabista por 40$000 réis; este, por seu turno, trespassou-a a um livreiro que então se estabelecia. Este ultimo comprador encontrou verdadeiras preciosidades bibliographicas. Entre as *raridades* dignas de menção figurava a *Cartilha, ẽ lingoa Tamul e*

(1) *Miscellanées Bibliographiques*, II-63, artigo de Jacob.

Portugues, que contem breuemente ho que todo christão deve aprẽder pera sua saluaçam. Lisboa, 11 de fevereiro de 1554, in-4.º Caractéres gothicos. Publicada por ordem de D. João III. Só este opusculo foi adquirido por 78$000 réis para o Museu Ethnologico Português, onde actualmente se conserva dentro d'um cofre.

Declarou-me o proprietario da livraria a que me refiro que, se os livros tivessem sido catalogados e vendidos pelo seu actual valor estimativo, lhe teriam rendido alguns contos de réis.

Os monges recollectos d'Anvers em 1735 passaram uma revista á sua bibliotheca e, ou por serem muito velhos ou por os reputarem de pouco valor, quizeram desfazer-se de 1:500 volumes. Deram-nos como gratificação ao jardineiro que os vendeu ao amador Vanderberg por 1 ducado do quintal, e este vendeu ao bibliomano inglês, Stock, por 14:000 francos (2:800$000 réis), só os manuscriptos!

Os frades obtiveram ainda de Stock 1:200 francos (240$000 réis), a titulo de indemnização.

O caso dos religiosos d'Anvers e o do bibliotheca portuguesa acima referido assemelham-se pelo que revelam de ignorancia na apreciação das riquezas bibliographicas possuidas (A. Cim, *Le Livre,* II, pag. 270.

Fica aqui bem o dito de Terenciano Mauro: «*Habent sua fata libelli.*

Para concluir este artigo, vou fazer uma succinta resenha das edições baratas das principaes nacões da Europa. Falar-se-á tambem d'uma ou d'outra publicação luxuosa.

A casa Hachette, de Paris, edita *Les Grands Écrivains de la France,* em volumes in-8.º cotados a 7 fr. 50. Edição realmente luxuosa e um primor de livraria. Ha já publicadas, pelo menos, obras de onze auctores.

A casa Firmin Didot tem editado *Les chefs-d'œuvre de la littérature française;* os volumes estão marcados para 3 fr., 1 fr. 75 e 1 fr. 50. É bom notar que os livreiros franceses teem dois preços para os livros: o preço forte, preço marcado ou preço da capa e o preço liquido ou preço de venda. Este costume não é exclusivo dos franceses; para manterem os seus freguesas, alguns livreiros portugueses concedem o desconto de 10 % a quem na roda do anno apenas compra os livros escolares para um alumno dos nossos institutos de instrucção. Tal costume, cuja unica razão de ser parece que é alimentar o espirito *regateiro* é desapprovado pelos melhores bibliologos.

Os editores franceses fazem, habitualmente, o desconto de 33 % aos livreiros, desconto que tambem é indicado pela formula $^3/_2$, que significa que os livreiros recebem 3 volumes e só pagam 2.

Mais correcta que a edição F. Didot é a *Nouvelle Bibliothèque classique* dirigida por Jouaust. Fundada em 1876 contava já em 1907 uma collecção de 60 volumes a 3 francos.

Mais barata e, talvez, mais correcta ainda é a *Bibliothèque elzevierienne,* de que é director Jannet.

As casas editoras Charpentier, Didot, Garnier encetaram ultimamente edições baratas (0 fr. 95) dos melhores auctores classicos franceses e estrangeiros.

A *Bibliothèque Nationale* abrange já hoje uma assás extensa lista de volumes constituida, na maior parte, por novas edições de obras francesas e por traducções dos melhores auctores antigos e modernos. A publicação começou em 1863. Os volumes são in-16.º e teem 190 a 200 paginas e vendem-se no escriptorio da empresa a 0 fr. 25 (50 réis). Pelo seu caracter economico, teem pouco venda as obras publicadas em muitos volumes o que limita a publicação a obras de pequeno folego. Reconhecendo isto, a empresa não tem publicado nenhuma obra que ultrapasse 5 volumes.

É da mesma casa a publicação *École Mutuelle*, curso de educação popular. Os volumes são de formato, dimensões, numero de paginas e preço inteiramente eguaes aos da Bibliothèque Nationale.

Uma outra publicação francesa economica e popular é a *Bibliothèque Philippart,* illustrada. Os volumes são in-8.º com dimensões perfeitamente iguaes ás da nossa Bibliotheca do Povo e das Escolas e o mesmo numero de 64 paginas, não contando a capa, que é de papel differente.

Excellente publicação é tambem a *Bibliothèque Utile,* de volumes in-32 de 190 paginas, custando em bruchura 60 cen. e cartonados á inglesa 1 franco. «É consagrada, dizem os editores á vulgarização dos conhecimentos mais indispensaveis ao homem e ao cidadão».

As edições populares e baratas da Allemanha são a *Universal Bibliotek* do editor Philipp Reclam, de Leipzig, a 20 pfenig ou 50 réis.

Os volumesinhos d'esta publicação, cujas dimensões se approximam das da Biblithèque Nationale, são in-8.º com menor numero de paginas, mas impressão e papel muito superior aos

da publicação francesa. Possuo um volume de maio do 1906 que tem o n.º 4:790.

A Allemanha tem tambem a *Bibliotek der gesamt Litteratur,* editada por Otto Hendel. Tem publicados mais de 2:000 volumes e o preço é de 25 pfennig ou 95 réis.

A Inglaterra não fica atraz em questão de barateza de livros a nenhuma das nações anteriormente nomeadas. *The pennypoets* é uma publicação das obras dos melhores poetas inglezes, a menos de 20 réis o volume em moeda portuguesa. Os exemplares são in-16, de 0,m175 × 0,m12, e tem 64 paginas, afóra as capas. É editora a casa *Stead's publishing office,* de Londres. Tenho o *Hamlet*, que é o n.º 70 d'esta publicação. É o maximo que se pode exigir, pelo preço, em perfeição typographica e qualidade de papel.

O editor londrino John Dicks dirigiu umas publicações denominadas *Threepence* e *Sixpence* (respectivamente 55 réis e 115 réis). São in-16 de 18 × 12; o papel porém é muito pouco encorpado e o typo extremamente miudo, o que não torna a leitura muito commoda. São illustradas. Lê-se nas capas: *The cheapest in the world:* «as mais baratas do mundo»; na verdade, não se encontra uma brochura, contendo uma obra completa de Walter Scott ou outro qualquer autor celebre, illustrada, abrangendo ás vezes 150 paginas de texto por 55 ou 60 réis.

The Arabian Nights'entertainments (As mil e uma noites), que tem 364 paginas de texto e illustrações de F. Gilbert, custa apenas 115 ou 120 réis.

O editor Bernhard Tauchnitz, de Leipzig, faz a publicação de obras de auctores inglezes e americanos em volumes in 8.º de 16 × 11 e 290 a 300 paginas; o preço de cada volume brochado é 1 marco e 60 pfennig ou 400 réis da nossa moeda. O papel e a impressão devem dizer-se simplesmente magnificos.

O editor Ubrico Hoepli, de Milão, foi o fundador da collecção *Manuali Hoepli* (1895), que comprehendia as seguintes series: scientifica, pratica e artistica. Os volumes são de 200 paginas e custam os da 1.ª serie 1 lira e 50 c. e os da 2.ª e 3.ª 2 liras. São encadernados e o papel é optimo.

Publica-se na Hespanha a Bibliotheca Universal, que muito se assemelha á Bibliothèque Nationale no formato, volume de cada exemplar, etc. É destinada, como a sua congênere, a publicar as obras primas da litteratura hespanhola e as traducções dos melhores pensadores estrangeiros.

Mais moderna é a publicação *Los pequenos grandes libros* (Bibliotheca Popular Economica) do «Centro editorial Presa» de Barcelona. Custa cada volume 50 réis ou 25 c. São in-8.º e de 64 paginas.

Finalmente, chegamos ás edições portuguesas. Comecemos pela Companhia Nacional Editora. Esta empreza iniciou em 1881 a publicação dos seus opusculos de 64 paginas pertencentes á collecção *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, sendo o custo de cada obrinha 50 réis, illustrada sempre que o exija a natureza do assumpto.

Outra collecção da mesma casa é a *Bibiotheca Universal antiga e moderna* no genero da publicação hespanhola de identico nome e da Bibliothèque Nationale francesa. Estes volumes são de cerca de 130 paginas e custam 100 réis.

As *Biographias de Homens Celebres*, de 32 paginas, bom papel o boa impressão, custam 50 réis o volume. A par d'estas edições economicas ha tambem as edições artisticas e luxuosas, como *Africa Occidental* e *Album de costumes portugueses* de Cunha Moraes, o *Egypto*, de Ebers, as *Fabulas* de La Fontaine, *Jesus Christo* de Veuillot, *Orlando Furioso* de Ariosto, o *Paraizo Perdido* de Jonh Milton, *As Pupilas do Senhor Reitor* de Julio Diniz, etc.

Mui baratas eram tambem as obras da *Nova Bibliotheca Economica*, cujos volumes de 300 paginas in-16 custam 100 réis.

A Parceria Antonio Maria Pereira encetou ha annos a *Nova Collecção Pereira* de volumes in-16 de 190 paginas a 50 réis! É o cumulo da barateza. Fundada em 1848, é uma das casas que mais tem enriquecido o mercado livreiro. Á *Exposição Nacional* do Rio de Janeiro de 1908 enviou 650 volumes todos editados pela sua casa. Uma das ultimas publicações da Parceria é a edição popular do genial romancista Camillo Castello Branco em volumes in-8.º de 200 a 300 paginas, bom papel, typo *elzevier*, ao preço de 200 réis em brochura.

A Livraria Ferreira, casa editora de grande expansão, emprehendeu, ha poucos annos. a publicação das *Obras Primas* dos principaes auctores. Tem publicado diversas traducções e, ha poucos dias, expoz á venda uma edição popular da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Cada volume de 200 paginas, em media, in-8.º custa 200 réis, brochado.

Esta casa tem muitas outras edições recommendaveis pelo seu acabamento typographico.

No Porto, a capital do norte, ha a mencionar a *Livraria Chardron*, de que são actuaes proprietarios os irmãos Lellos. Editou quasi toda a obra de Camillo, grande parte das obras de Theophilo Braga, etc. Não tem publicado collecções de extrema barateza; mas as edições sahidas dos seus prelos timbram pela perfeição. É uma das casas que alimenta um assás consideravel movimento, o que é demonstrado pelo gráo de prosperidade que tem attingido nos ultimos annos. Em 1906 installou-se num edificio novo construido no estylo ogival chamado gothico inglês, ficando sendo, sem contestação, a melhor livraria de Portugal e comparavel ás melhores do estrangeiro.

CAPITULO III

O commercio de livros e a cultura intellectual

Attentas as dimensões que o presente estudo vae tomando, e mesmo porque suppomos ter já dito alguma coisa sobre o assumpto que tinhamos a versar, vamos rematar a dissertação, dando pouca latitude a este capitulo. Vamos tirar algumas conclusões do nosso trabalho.

É innegavel que o commercio de livros progrediu quando a civilização caminhou, estacionou quando ella parou, diminuiu quando ella retrogradou. A litteratura é o reflexo da vida social dos povos e o commercio livreiro acompanha todas as phases da litteratura.

É por isso que na Grecia a venda de livros culmina no periodo de maior esplendor da cultura hellenica, justamente quando sob Pericles decorria a *edade aurea*.

A paz octaviana, o influxo das ideias gregas, a fundação de bibliothecas e o estabelecimento de sociedades litterarias, onde os socios liam em publico as suas composições fizeram que no seculo de Augusto o sol da illustração romana attingisse o zenith.

Entre as muitas bibliothecas fundadas sob o primeiro imperador romano sobreleva a do monte Palatino. A tranquillidade publica, interna e externa, de que gosou o mundo latino, a importancia que Augusto ligava aos sabios do seu seculo e as distincções e honras com que os cumulou, o bom gosto das letras

e a sua cultura numa quadra em que a palma da sciencia substituira a palma e os louros alcançados em longas e longinquas guerras, tudo isto, além d'outros motivos, contribuiu para a predilecção pelas letras e marcou um periodo, embora assás curto, da prosperidade do commercio livreiro.

No meado do seculo XV a invenção de Gutenberg faz com que se opere uma verdadeira resurreição dos monumentos scientificos, litterarios e artisticos do mundo greco-romano. Papas e reis trabalham, á porfia, por descobrir os thesouros do passado, que a imprensa se encarrega de divulgar com uma celeridade espantosa. Díssipa-se muito o ignorantismo d'aquella edade ferrea, e o redemptor do *Renascimento*, que tivera seu berço na Italia, propaga-se vertiginosamente á França, Allemanha, Belgica, Inglaterra, Portugal, Hespanha; etc. Foi uma epocha de intensissima cultura intellectual, coetanea do esplendor do commercio livreiro nos tempos modernos.

Como é geral o facto de o esplendor do commercio livreiro coincidir com o esplendor da civilização, não se especificarão os outros povos, mas sómente o que succedeu em Portugal. A escola litteraria implantada em 1526 por Sá de Miranda, chamada escola classico-italiana, foi uma epocha de progresso. A epocha culteranista foi de deçadencia, como o devia ser tambem a influencia arcadica ou francesa. A escola romantica deixou de ser degeneração para ser uma verdadeira regeneração literaria. Mais uma vez se evidenciou que á phase de progresso litterario correspondeu a expansão do commercio de livros.

*
* *

O livro tem sido e será, sempre e ubiquamente, o mais potente instrumento de progresso e tambem, por vezes, a causa de estacionamento, quando não de retrocesso.

Desde que todos se convenceram que é o livro, por natureza, o mais clamoroso arauto das ideias, a elle todos tẽem ido pedir o pregão e diffusão dos seus pensamentos.

Brotam de um cerebro genial conceitos profundos, ideias salvadoras, doutrinas de incremento scientifico, litterario ou artistico, e o livro logo vem registar tudo isso e levar aos confins do mundo as producções do humano intellecto. São os livros

«amigos verdadeiros, conselheiros singelos», na phrase do nosso Vieira, mas tambem podem ser os maiores e mais temiveis inimigos. E, de feito, assim têem sido considerados por certas classes e individuos, em toda a parte. Se não vejam-se as «guerras bibliographicas» que têem surgido em diversos seculos. É difficil, se não impossivel, encontrar exemplos de maiores precauções e cautelas contra qualquer inimigo do que as adoptadas contra a invasão de um livro, por qualquer motivo, temido.

Annuncia-se o apparecimento de um livro, e eis logo se põem de prevenção todos os regimentos da Real Meza Censoria ou instituições congéneres. Antes de impresso tem o livro de ser submettido ao seu exame, depois de impresso tem de lá voltar novamente, a fim de ser taxado o preço e examinado outra vez, *sem o que não correrá.*

Se é publicada uma obra subversiva dos principios religiosos ou majestaticos, o auctor é, por via de regra, condemnado á fogueira juntamente com a sua obra, e é raro ficarem impunes o editor ou impressor, agentes de venda, etc. Entre muitos, é curiosissimo o caso referido por G. Peignot. O processo de Liszinski, gentilhomem polaco, denunciado á dieta de Grodno pelo bispo de Posnania é assás demonstrativo do rancor infernal votado a um homem por não ter ideias conformes com as de Roma. A breve noticia do seu processo dá a nota da feroz intolerancia que dominava na Polonia ao findar o seculo XVII. Liszinski concitára contra si graves suspeitas de atheismo, ainda que não houvesse dado á estampa qualquer publicação impia. Ou porque as suas conversas resumassem heresias, ou porque se annunciasse d'elle qualquer obra sensacional, o certo é que um bello dia foi-lhe feita uma devassa a toda a casa.

Entre a papelada foi lhe encontrado um escripto em que se affirmava que «*Deus não era o creador do homem, mas sim o homem creador d'um Deus, que elle tirára do nada.* Era com pouca differença o dito de Petronio: *Primus in orbe deos fecit timor.*

Calculando a sorte que o esperava á vista da descoberta de documento tão compremettedor, o réo lembrou-se de dizer que escrevera aquellas extravagancias só para as refutar.

Não lhe deram ouvidos, pois que a 30 de março de 1689 foi queimado vivo, as suas cinzas foram mettidas num canhão, em logar de bala, e disparadas para os ares!

Dispensa commentarios.

O expediente de queimar livros é antiquissimo e nota se tan o

entre povos acorrentados ao absolutismo como naquelles que sacrificam aos ideaes democraticos, já entre religiões transigentes já nas mais intolerantes.

Lê-se no 1.º livro dos Machabeos, cap. V, que por mandado de Antiocho foi queimada a bibliotheca do templo de Jurusalem.

João o Grammatico, cognominado o Philopono, pediu a Amri que posesse os livros da Bibliotheca d'Alexandria á sua disposição. Amri consultou o kalifa Omar que, se diz, respondera com o seguinte dilemma:

«*Ou os livros concordam com os livros de Deus* (o Alcorão), *ou não: no primeiro caso são inuteis, no segundo devem destruir-se.* Por isso, mandou-os queimar e serviram, como se diz, para aquecer agua para os banhos publicos.

Bem sabemos que o facto da queima de livros, referido á celebre bibliotheca de Alexandria, é falso; todavia citámo-lo, não por encerrar uma verdade, mas para dar ideia da maneira como os fanaticos discipulos de Mahomet procediam em muitas conjuncturas em que deram provas da sua bibliophobia. Haja vista o que succedeu com o philosopho Al-Gazel que, sendo aliás um crente do Alcorão, passou pelo desgosto de ver os seus livros destruidos só pelo facto de querer harmonizar os livros religiosos com a sciencia humana.

Quando a bibliotheca d'Alexandria adquiriu um formidavel desenvolvimento, foi dividida em duas secções: uma dellas foi casualmente incendiada no anno de 47 a. C, quando Julio Cesar se apoderou de Alexandria; a que se encontrava no templo de Serapis foi destruida por mandado do bispo Theophilo, quatrocentos annos depois, em consequencia do edicto do Imperador Theodosio, que ordenava a anniquilação de todos os templos pagãos. Conseguintemente, não existindo já esta bibliotheca em 640, quando os Arabes tomaram Alexandria, era impossivel que estes a destruissem.

Quem quizer amplas e numerosas informações sobre *autos de fé* feitos aos livros e seus auctores, não tem mais que abrir em qualquer pagina *Le Bucher bibliographique* ou *Dictionnaire des principaux livres condamnés au feu, supprimés,* etc. Seu auctor é G. Peignot.

Em França, onde o tribunal revolucionario respondeu a Lavoisier que a Republica não necessitava de sabios, e a revolução mandou matar o mesmo Lavoisier e André Chénier como malfeitores, tambem se destruiram muitos documentos dos archivos publicos, de grande utilidade para a historia. Estes docu-

mentos traziam as genealogias da casa real ou os seus fastos. Faziam immenso mal á Republica e o proprio Condorcet pediu a sua destruição!

Apesar de serem, vezes e vezes, signaes de contradicção, os livros serão sempre o que d'elles disse Osymandias, o primeiro colleccionador de livros: *Remedios para a alma.*

MANUEL FIGUEIREDO DOS SANTOS GIL
Alumno de Bibliologia